

## AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: CRIANÇA OUVINTE / CRIANÇA SURDA\*

Lélia Erbolato Melo

Dep. de Lingüística da USP

### ABSTRACT

This article is a summary of the chapter IX of *Psicologia del sordo* (by Myklebust, 1971). Observing the acquisition of the language (interior, receptive and expressive) by the hearing child and by the deaf one, the author shows the importance of the significant experience in this process. He concludes that there is a basic difference between both, because the deaf child makes use of the hearing residue and the other sensorial means (visual, tactile).

### RESUMO

Este artigo é um resumo do capítulo IX de *Psicologia do surdo* (por Myklebust, 1971). Observando a aquisição da linguagem (interior, receptiva e expressiva) pela criança ouvinte e pela criança surda, o autor mostra a importância da experiência significativa neste processo. Ele conclui que há uma diferença básica entre ambas, porque a criança surda se utiliza dos resíduos auditivos e de outros meios sensoriais (visuais, táteis).

A criança deficiente diferencia-se da criança ouvinte quanto ao processo de aquisição da linguagem interior, receptiva e expressiva, uma vez que se utiliza dos resíduos auditivos e de outras vias sensoriais (visuais, táteis e cinestésicas).

---

\* - O texto apresentado foi resumido e adaptado ao Português, a partir da leitura de: Helmer R. Myklebust, *Psicologia del sordo*. Madrid, Editorial Magisterio Español, cap. IX: 243-52 (1971).

Em função disso, vejamos o que acontece com a criança ouvinte. Ela adquire primeiro uma experiência significativa, isto é, ela não aprende primeiro as palavras e seu significado; a significação e a experiência precedem a aquisição das palavras. A relação entre experiência e símbolo constitui a base da linguagem interior. À medida que este processo se desenvolve, a criança pode pensar com palavras..., pode agrupar e classificar sua experiência, pode "falar consigo mesma". A compreensão da palavra falada, no entanto, só ocorre depois de um período de seis a nove meses de desenvolvimento da linguagem interior.

A criança começa, então, a compreender, porque conseguiu um grau mínimo de linguagem interior. Agora, pode interiorizar de forma rudimentar, por exemplo, a palavra "mamãe" ou o equivalente a este símbolo, em sua cultura. No começo, ela se limita às palavras que simbolizam experiências elementares, como as funções de "comer" e as funções motoras. Este processo de relacionar as palavras, que percebe auditivamente, com a experiência, é a base da linguagem receptiva. Conseqüentemente, se a linguagem interior aumenta, a linguagem receptiva se enriquece, estabelecendo-se, desse modo, um processo recíproco de "realimentação".

Dispondo de um mínimo de linguagem interior e receptiva, a criança começa a servir-se da palavra para expressar-se. Suas primeiras palavras faladas, assim como sua linguagem receptiva inicial, são concretas: nomes de objetos ou indicações de atos específicos. A utilização da palavra falada para comunicar suas experiências aos demais é a base de sua linguagem expressiva, de tipo auditivo. Neste sentido, o exercício da fala torna mais rica a linguagem receptiva e interior da criança.

Do ponto de vista evolutivo, verificamos que as seqüências se desenvolvem nesta ordem: primeiro, obtém-se a linguagem interior, em seguida, a linguagem receptiva e, por último, a linguagem expressiva (v. figura 1). A linguagem receptiva pode desenvolver-se somente quando se iniciou a linguagem interior, e a linguagem expressiva, somente depois que se estabeleceu a compreensão, de tal modo que "a criança só fala depois de ter compreendido". Desde os dois anos de idade, ela possui uma considerável facilidade auditiva. Por outro lado, somente cinco anos mais tarde terá igual facilidade para a linguagem escrita.

Do exposto, concluímos que a base fundamental de toda linguagem é a experiência, e a experiência significativa precede a aquisição do símbolo correspondente. Até que a criança não tenha adquirido pelo menos uma parte do conteúdo normativo da experiência em relação à palavra "cachorro", por exemplo, não poderá utilizá-la com sentido. Isto é essencial na psicologia do desenvolvimento. O significado precisa ser adquirido antes, para que possa ocorrer a simbolização. "Uma palavra sem significado não é palavra" (v. figura 2).

Por outro lado, a esta altura, constatamos também que há uma diferença básica entre o surdo e o ouvinte, no que diz respeito aos processos considerados na aquisição do primeiro sistema fundamental da linguagem. A criança ouvinte possui um sistema simbólico auditivo, interior e receptivo, e utiliza o mesmo canal, a audição, para aprender sua primeira linguagem expressiva, a fala. Ao contrário, a criança surda, cuja linguagem expressiva é também a fala, não pode controlar esta função mediante o mesmo canal. Em outras palavras, deve adquirir sua linguagem falada mediante um canal sensorial diferente daquele de que ela se serve para a aquisição de sua linguagem receptiva (v. figura 3).

Em resumo: lembramos que o surdo, como o ouvinte, deve obter primeiramente o conteúdo experimental, simbolizado pela palavra. Recordando o exemplo dado anteriormente, observamos que, antes de dar sentido à palavra "cachorro", a criança adquire primeiro a experiência do "cachorro". Por isso, é necessário para o desenvolvimento da linguagem da criança surda, desde sua primeira infância, não perder de vista esta dificuldade, enriquecendo "de significado" suas experiências. Um cachorro real, um cachorro de brinquedo, ou um desenho de cachorro podem servir para indicar a experiência contida na palavra "cachorro". Porém, mesmo neste caso, não podemos imaginar um conteúdo protótipo, idêntico para a criança surda e a criança ouvinte (v. figura 4).

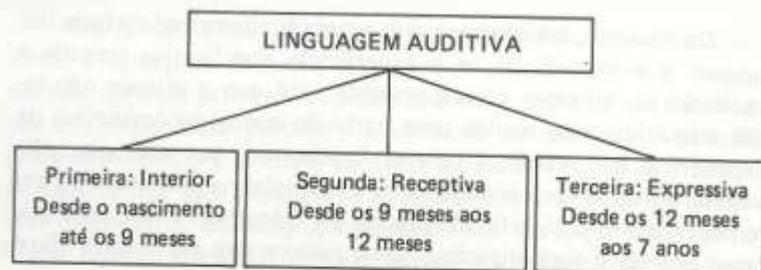


Figura 1 – Etapas evolutivas da criança normal na aquisição da linguagem auditiva.



Figura 3 – Etapas evolutivas da criança surda na aquisição da linguagem.

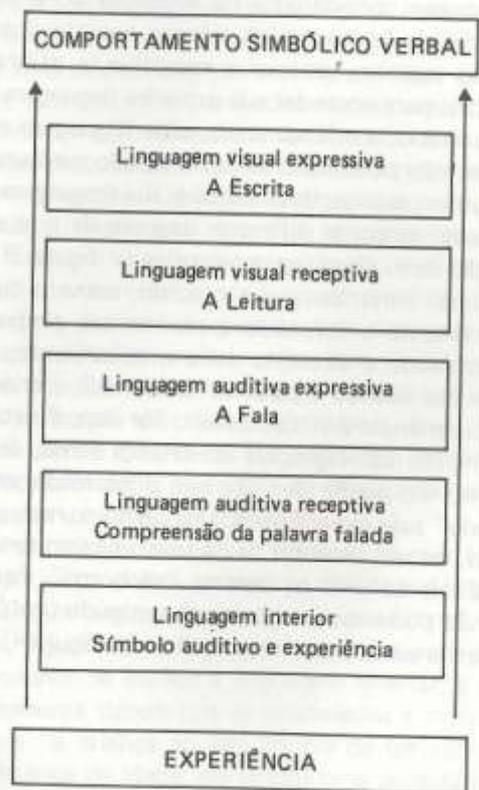


Figura 2 – Evolução hierárquica dos diferentes sistemas da linguagem humana.

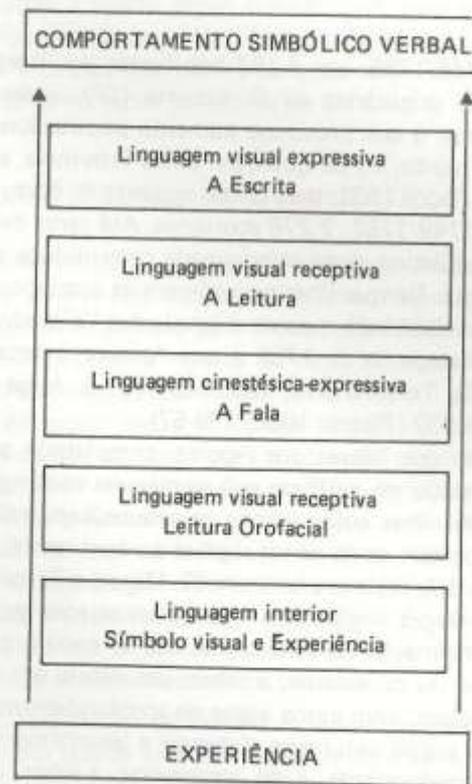


Figura 4 – Evolução hierárquica dos diferentes sistemas lingüísticos na criança surda.